

DISPUTA DO PORTUGUÊS COM O FISCAL

Gonçalo Ferreira da Silva



DISPUTA DO PORTUGUÊS COM O FISCAL

Gonçalo Ferreira da Silva

Cinco cabras do nordeste
que trabalhavam no bar
do Manoel da esquina
resolveram um dia parar
por causa de uma quantia
que o português lhes devia
e não queria pagar.

Dos cinco, Munduco era
o que chegava primeiro,
trabalhava na cozinha,
o Chiquinho era copeiro
e Severino José
trabalhava no café
e era também lancheiro.

Honrando a fibra e a raça
da região nordestina
outros substituíam
os do turno da matina
até fechar o negócio
juntos com Joaquim o sócio
do Manoel da esquina.

Manoel segunda-feira
cedo tomou um cachete
pensando em abrir a casa
deu seis e meio, deu sete,
felizmente tudo em riba
mas não vinha um paraíba
para abrir a lanchonete.

Sem chegar um empregado
para lhe quebrar o galho
dizia palavrões que rimam
com chuchu, cebola e alho,
até o palavrão cona
que nunca se ouviu na zona
mas ninguém veio ao trabalho.

Manoel aperriado
resolveu abrir o bar,
pediu pelo telefone
pra Joaquim vir lhe ajudar,
também telefonou para
dizer que os paus-de-arara
não vieram trabalhar.

Começou chegar fregueses
alguns pedindo café,
um liquidificador
escapuliu no seu pé,
ele soltou uma praga
por não ter ninguém pra vaga
de Severino José.

Chegou uma grande turma
enviada por Munduco
enquanto um pedia um trago
o outro pedia um suco,
outro pedia vitamina
e Manoel da esquina
corria feita um maluco.

No meio da confusão
um homem desconunal
conduzindo uma capanga
parecendo federal
arrancou da algibeira
uma pequena carteira
se declarando fiscal.

Manoel disse: — Está bem
pois pode fiscalizar
tendo irregularidades
faça o favor de multar,
só peço que não me insulte
e por favor só me multe
se algo errado encontrar.

O fiscal lhe respondeu:
— Não se zangue, se controle.
Mas pensou com seus botões
“este não há quem enrole,
nem vale falar bonito,
este português maldito
acho que não vai dar mole”.

Disse para Manoel:

– Pra multar há sempre um jeito

O português respondeu:

– Se o jeito for de direito

não discuto com fiscal

se o jeito for legal

mas se não for, nada feito.

Joaquim, o sócio, chegando

encontrou a confusão,

o bar repleto de gente,

a tremenda discussão

e aquele pessoal

estava contra o fiscal

mas gostando da questão.

Com infinita arrogância

o fiscal só fez tirar

de sua capanga o talão

e começou a multar,

sem pergunta, sem consulta

lavrou vergonhosa multa

para o português pagar.

Manoel pegou a via

amarela do talão

e vendo que recebia

uma multa sem razão

disse ao folgado fiscal:

– Esta multa é ilegal

vergonhosa apelação.

- O senhor não cá entrou pensando em fiscalizar porém com firme intuito exclusivo de multar, esta multa mentirosa, irregular, criminosa portanto eu não vou pagar.

O fiscal se saiu logo com esta frase mesquinha: - O certo, amigo é que é sua palavra contra a minha para o governo, a palavra é a multa que o fiscal lavra não razão que você tinha.

Lhe multei porque não tem à vista do cidadão o número do telefone da nossa repartição para o cliente educado quando se sentir lesado fazer a reclamação.

Manoel perguntou logo aos clientes que assistiam a disputa entre eles dois se de onde estavam viam o telefone citado bem legível colocado, todos disseram que liam.

— Assim — disse Manoel para o fiscal que ouvia, não é só minha palavra mas de toda a freguesia; o senhor é muito esperto, mas se acha que está certo vamos à delegacia.

Os fregueses aplaudiram e disseram: muito bem é assim que a gente faz com quem vergonha não tem e nós seremos o guia se forem à delegacia nós todos vamos também.

Pois o mal de quem suborna e se deixa subornar é pensar que quem suborna não tem direito em falar e também o subornado quer ficar acovardado pra não se prejudicar.

Diante daquele apoio dado pela freguesia Manoel muito empolgado esmurrava o ar, dizia enquanto esmurrava o ar Joaquim continue no bar que vou à delegacia.

Pra ir à delegacia
formou grande caravana
pegaram a rua do Rosário,
entraram na Uruguaiana,
da turma seus componentes
foram à Praça Tiradentes
até o Campo de Santana.

Manoel ia na frente
tendo o fiscal a seu lado
chegando junto do prédio
ninguém se fez de rogado,
ao cabo de um minuto
viu-se o grupo resolutivo
diante do delegado.

Disse o delegado irado:
- Mas que palhaçada é esta?
aqui é delegacia
não é um salão de festa.
O português de colete
penetrou no gabinete
limpando o suor da testa.

Manoel cheio de ódio
misturado com cansaço
disse: - Senhor delegado
prenda logo este palhaço
que há pouco meu bar multou
enquanto eu mesmo não dou
um murro no seu cachaço.

A grande turma que foi
com ele à delegacia
aprovava com a cabeça
tudo que Manoel dizia
e o pobre fiscal, coitado
permanecia calado,
nem sequer se defendia.

Então disse o delegado:
— Fiscal, faça sua defesa.
A multidão respondeu:
— Ele só queria moleza,
dinheiro sem fazer nada
ou então a palhaçada
de multar o BAR PRINCESA.

O delegado com medo
disse para o pessoal:
— O que querem que eu faça
com este agente do mal?
— Quero — disse a multidão
que ele peça demissão
da profissão de fiscal.

FIM

Junho/88

9559



**Academia Brasileira
de Literatura de Cordel**

* * * * *

**Rua Leopoldo Fróes, 37,
Santa Teresa, Rio de Janeiro**

**Tel: (21)2232-4801
contato@abl.com.br**

* * * * *

www.ablc.com.br